

João Pessoa - Número Três - Dezembro de 2001

Darcy Ribeiro e os estudos de antropologia da civilização¹

Estevão Palitot

*Aluno do Curso de Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal da Paraíba
(Campus I - João Pessoa)*

"Portanto, não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. faço política e faço ciência movido por razões éticas e por um fundo patriotismo. Não procure aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira influir sobre as pessoas, que aspira ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo."

Darcy Ribeiro, prefácio d'**O Povo Brasileiro**.

Darcy Ribeiro, O Polêmico

Pensador controvertido, antropólogo, romancista, educador e político, Darcy Ribeiro foi um dos mais profícuos cientistas sociais brasileiros. Suas teorias propuseram abordagens revolucionárias e versaram principalmente sobre o que ele chamava de Antropologia da Civilização.

Nascido na cidade mineira de Montes Claros (1922). É um dos primeiros brasileiros a ter formação acadêmica em Antropologia, em São Paulo (1946). Trabalhou, já nos primeiros anos de vida profissional, junto ao antigo SPI (Serviço de Proteção aos Índios, hoje FUNAI), onde travou contato com sociedades indígenas do Pantanal, do Maranhão e da Amazônia. Também atuou na fundação do Museu do Índio e do Parque Indígena do Xingu.

Na década de 50 passa a trabalhar com educação primária e superior. Dirige o CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais) do Ministério da Educação, onde realiza a primeira tentativa de escrever um livro que retratasse o Brasil nas suas mais diversas configurações. Depois cuidou da criação da Universidade de Brasília, foi Ministro da Educação e chefe da Casa Civil do Governo João Goulart, onde coordenava a implantação das Reformas de Base, quando o golpe militar de 64 o obriga ao exílio.

No exílio vive em diversos países da América Latina (Uruguai, Chile e Peru) onde exerce intensas atividades políticas e acadêmicas. É nesta época que começa a escrever os cinco volumes de seus Estudos de Antropologia da Civilização (**O processo civilizatório, As Américas e a Civilização, O dilema da América Latina, Os Brasileiros: 1 - Teoria do Brasil, e Os índios e a civilização**), em busca de uma teoria que dê conta das causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. Essas obras tiveram mais de 90 edições em diversas línguas. É justamente sobre esta série de reflexões teóricas que iremos nos debruçar no transcorrer deste trabalho. Também no exílio escreve romances, e publica outras obras de caráter científico.

Volta ao Brasil em 1976, e dedica-se novamente à educação e à política, elege-se vice-governador do estado do Rio de Janeiro (pelo PDT de Brizola), depois foi secretário da Cultura e Coordenador do Programa de Educação, onde coordenou a implantação de 500 CIEPs, grandes escolas de turno completo para crianças e adolescentes. Outra obra desse período e que merece destaque é o Sambódromo,

onde colocou 200 salas de aula para fazê-lo atuar no resto do ano como escola.

Foi eleito senador da República, função que exerceu até a sua morte. Uma de suas ações mais polêmicas no Congresso Nacional foi a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Também foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Os Estudos de Antropologia da Civilização

A partir da leitura do livro **O Povo Brasileiro** (1995), uma das últimas obras de Darcy Ribeiro, tivemos nossa curiosidade despertada para os estudos de Antropologia da Civilização empreendidos pelo autor. O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi, por que um antropólogo se preocupou com questões de desenvolvimento desigual, e procurou respostas para elas junto as teorias da cultura. Causa espanto pelo fato de o desenvolvimento ser geralmente analisado no âmbito da economia e da sociologia, e não a partir da Antropologia. No entanto, se tivermos em mente que os seus primeiros escritos sobre esse tema datam da década de 60, ficará mais fácil de compreender o porquê dessa preocupação, basta citarmos algumas idéias que predominavam, nessa época, nas academias brasileira e latino-americanas, como por exemplo a Teoria da Dependência.

Assim os estudos de Darcy Ribeiro vão se preocupar em responder o seguinte questionamento: "*Por que o Brasil (e a América Latina também) ainda não deu certo?*". Porém, para responder a esta questão ele considera que todo o arcabouço teórico das Ciências Sociais é inadequado devido ao seu eurocentrismo de origem, e parte do princípio de que faltava uma teoria geral que fosse capaz de explicar a nossa realidade a partir de suas próprias contingências históricas. Uma frase lapidar do autor sobre o tema é esta: "*Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum*" (Ribeiro, 1995:13). Essas afirmações expressam a constatação de que, sendo a América Latina diferente da Europa e da América do Norte, aquela não poderia ser explicada a partir das teorizações elaboradas para as realidades socioculturais específicas daqueles países. Principalmente, sem levar em conta os momentos históricos em que se formularam as teorias citadas.

O raciocínio acima parece ser uma crítica a algumas teorias clássicas, mas de grande penetração no meio acadêmico e no senso comum até hoje, como por exemplo o evolucionismo, corrente que afirmava que a humanidade passaria por fases históricas predeterminadas que a levariam, inevitavelmente, da selvageria à barbárie, e desta a civilização, sendo o mundo ocidental a sua mais perfeita configuração. Todas as teorias elaboradas no contexto dos países centrais do capitalismo davam conta apenas do desempenho dessas sociedades, sem conseguirem compreender as civilizações orientais, o mundo árabe ou sequer a América Latina.

Cada vez mais a necessidade de uma teoria que explicasse o Brasil, situando-o na história humana, levava Darcy Ribeiro a propor, ousadamente, toda uma teoria da história do homem. É nesse momento que surge o primeiro dos seus Estudos de Antropologia da Civilização, **O Processo Civilizatório** (1968). Este livro pretende apresentar 10.000 anos de história humana dentro de um novo paradigma teórico capaz de explicar cada processo civilizatório por seus próprios processos internos. Fugindo das teorias eurocêntricas da evolução, procurará explicar em linhas gerais quais movimentos constituíram as bases para os saltos evolutivos da história das diversas civilizações.

Propõe assim, um novo tipo de evolucionismo cujos conceitos possam ser aplicados não às formações socioculturais em si, mas aos seus processos produtivos e

culturais. Fazendo uma releitura crítica de Marx, procura associar alguns de seus conceitos aos conhecimentos adquiridos pela ciência antropológica, ressaltando a importância do processo histórico para as formulações das ciências sociais. Dessa forma apresenta a evolução das sociedades humanas baseada numa série de revoluções tecnológicas nos modos de produção que levaram as sociedades a se reconfigurarem a cada etapa histórica. Estas teorias tem o valor de superarem um certo maniqueísmo das teorias clássicas que pressupunham a evolução como unilinear e progressiva, tal superação parece possível graças a um dos elementos primários da antropologia, o relativismo cultural.

A tipologia apresentada por Darcy Ribeiro parece se constituir, assim, como mais isenta de etnocentrismos e capaz de abstrair e generalizar em linhas mestras as diferentes etapas evolutivas das sociedades humanas, a começar de um conjunto de oito grandes revoluções tecnológicas: *Agrícola, Urbana, do Regadio, Metalúrgica, Pastoril, Mercantil, Industrial e Termonuclear*; que serão o motor de treze processos civilizatórios gerais: *Revolução Agrícola, Expansão Pastoril, Revolução Urbana, Expansão Escravista, Segunda Expansão Pastoril, Revolução do Regadio, Revolução Metalúrgica, Revolução Pastoril, Revolução Mercantil, Expansão Capitalista, Revolução Industrial, Expansão Socialista e Revolução Termonuclear*; e esses processos darão origem a formações socioculturais específicas que se relacionarão historicamente, se interinfluenciando, em processos de expansão, conquistas e revoluções.

Para as finalidades teóricas e comparativas a que se propunha, **O Processo Civilizatório** havia conseguido delinear, em aspectos gerais, as características da nossa sociedade porém, se apresentava ainda insuficiente para explicar as causas históricas das diferenças de desenvolvimento nas Américas. Assim, parte em busca de novas explicações e reduz sua escala temporal ao escrever **As Américas e a Civilização** (1969), passa dos 10.000 anos de história universal para os 500 de conquista das Américas.

É neste livro que irá aperfeiçoar o seu método antropológico ao criar uma tipologia das sociedades americanas, onde procura dar conta das culturas nacionais através de sua caracterização em três conjuntos básicos, definidos a partir dos processos colonizatórios e da forma como esses se deram sobre as populações nativas, escravizadas na África ou importadas da Europa.

Baseando-se numa análise interdisciplinar que congrega história, sociologia, antropologia e economia, Darcy Ribeiro chega na formulação dos três tipos básicos de povos americanos: os *Povos Testemunhos*; os *Povos Transplantados* e os *Povos Novos*.

Os *Povos Testemunhos* são aqueles que se formaram a partir do abortamento das civilizações indígenas da América Central e dos Andes, onde os colonizadores espanhóis implantaram sobre as instituições nativas o trabalho nas minas de prata, destinado a custear o fausto e a riqueza da metrópole. Essas nacionalidades vivem o drama da dualidade cultural e o desafio de se fundirem em uma nova civilização (Ribeiro, 1995: 446).

Os *Povos Transplantados* representam a reprodução em amplos espaços geográficos das formações sociais européias. De acordo com Darcy Ribeiro se subdividiriam em dois blocos historicamente característicos: a América Anglo-Saxônica, formada por povos germânicos e de cultura protestante, mormente calvinista e pietista; e os países platinos, Argentina e Uruguai, cujos primeiros povoadores, mestiços de índios e espanhóis foram suplantados numericamente, no século XIX, por 4 milhões de imigrantes europeus. Fica para esta tipologia o questionamento de porque mesmo sendo formados maioritariamente por europeus

estes dois conjuntos são tão desiguais em seus respectivos padrões sociais de desenvolvimento.

Os *Povos Novos*. A euforia com que trata esta categoria chega a impressionar os teóricos mais sisudos e que esperam análises científicas isentas de parcialidade (embora Max Weber já avisasse que isso era impossível). Para Darcy Ribeiro, os brasileiros, caribenhos, colombianos e venezuelanos, representavam um gênero novo na humanidade, pois eram formados por matrizes étnicas muito distintas umas das outras, e principalmente sob o regime da escravidão e da produção de gêneros tropicais para o mercado mundial que surgia junto com o capitalismo mercantilista. Este conjunto de fatores nunca havia ocorrido antes na história do homem e suas possibilidades podem ser (perdoem o entusiasmo) fantásticas. Explica-se tal euforia pelo fator de os Povos Novos não possuírem um passado ao qual se apegar, estando abertos para o futuro, desde que consigam superar os problemas que sua origem como colônia lhes deixou.

Os povos americanos, assim, se conformam frente aos processos históricos com três personalidades básicas: a daqueles que poderiam ter tido uma história autônoma, mas foram impedidos bruscamente, os *Povos Testemunhos*, e vivem a dramaticidade do que poderiam ter sido e não foram; os *Povos Transplantados*, condenados a repetir, com mais audácia, aquilo que seus antepassados europeus fizeram e, os *Povos Novos*, cujas potencialidades ainda estão por ser exploradas, pois foram refeitos no processo de colonização e erigiram um novo tipo de civilização (ocidental?), porém assentada na área intertropical do planeta.

No dizer de Ribeiro, os *Povos Novos* são povos em ser, impedidos de sê-lo, que viveram por séculos afundados na *ninguendade*, condenados a produzir para potências estrangeiras aquilo que elas queriam. Só conseguiram escapar da *ninguendade*, e apenas dela, após um doloroso parto de suas identidades étnico-nacionais. Continuam sendo hoje, povos em ser, na dura busca de seu destino. (Ribeiro, 1995, p. 447).

Na tentativa de compreensão das desigualdades existentes nas Américas, escreve o terceiro livro dos Estudos de Antropologia da Civilização, **O Dilema da América Latina** (1971), nele elabora uma crítica das teorias interpretativas da América Latina geradas, até então, pelas Ciências Sociais.

Um dos alvos principais, neste livro, os estudos das classes sociais, seriam segundo ele, elaborados para realidades bastante diferentes, encontradas na Europa ou na América do Norte. Aqui, mesmo não existindo burguesias modernizantes em confronto com aristocracias conservadoras, nem proletariados unidos por irresistíveis pendores revolucionários, havia sim lutas de classes e blocos antagonistas embaçados a identificar e caracterizar. (Ribeiro, 1995: 15). Os outros alvos eram as estruturas de poder e as formas de atuação política. Desconsiderando toda a politicologia existente, exigia a construção de teorias com bases empíricas, uma vez que os conceitos de conservadorismo, liberalismo, revolução, democracia e radicalismo tão claros em outras realidades se tornavam ambíguos e desconexos na organização efetiva das estruturas da nossa sociedade. É neste clima que procura escrever **O Dilema**, propondo novas tipologias para as classes sociais e os desempenhos políticos, "*situando-os debaixo da pressão hegemônica norte-americana em que existimos, sem nos ser, para sermos o que lhes convém a eles*" (Ribeiro, 1995: 16).

Uma terceira crítica, mas que ficou de fora do livro, era a da cultura. Para Darcy, faltava uma teoria da cultura capaz de explicar as contradições gritantes entre o saber erudito, muitas vezes espúrio, e o não-saber popular, que constantemente alça-se em altitudes críticas, mobilizando consciências e engendrando movimentos

de reordenação social. Também preocupava-se em como uma cultura erudita transplantada, regida pelos modismos da Europa, seria capaz de assumir um papel e uma forma coerentes em relação à criatividade popular, oriunda da mescla das tradições mais díspares e que se concatenava de forma a compreender a nova versão de humanidade que somos.

Para dar conta da teoria da cultura e realizar um esforço didático dos conjuntos teóricos desenvolvidos nos três livros anteriores escreve **Os Brasileiros: Teoria do Brasil** (1969). Justifica não ter colocado a teoria da cultura no **Dilema** por esta se tratar de um tema muito vasto e espinhoso.

Outro livro que integra o conjunto dos seus Estudos de Antropologia da Civilização, ainda que resultado de pesquisas anteriores, é **Os Índios e a Civilização** (1970), onde aborda o processo de expansão da sociedade brasileira sobre as populações indígenas no decorrer da primeira metade do século XX. Seu principal conceito é o de *transfiguração étnica*, que procura explicar o processo através do qual os povos surgem, se transformam ou morrem. É um livro repleto de exemplos de como as sociedades indígenas foram desestruturadas pelo contato com a sociedade nacional, inclusive levando muitas delas a extinção.

Talvez seja interessante hoje, fazer-se um novo estudo sobre este mesmo tema e, quem sabe, acrescentando aos processos de surgimento, transformação e morte o de renascimento. Isso porque muitas das sociedades indígenas classificadas por Darcy Ribeiro como extintas ou destribalizadas passaram, nos últimos vinte anos, por um processo de afirmação étnica e política de suas identidades, se recusando a morrer e determinadas a existirem no seio da sociedade e do estado brasileiro como povos distintos e autônomos.

Quando finalmente parece que os Estudos de Antropologia da Civilização se findam com esse livro, compondo um conjunto de quase 2 mil páginas, Darcy Ribeiro afirma que eram apenas os escritos "preliminares" de seu grande projeto: Explicar o Brasil por si mesmo. É nesta série de estudos que vai desenvolver todo um corpo de fundamentos teóricos que tornaram possível o maior desafio a que já se propôs, escrever o livro **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil** (1995).

É justamente neste livro que os conceitos de *Povo Novo*, *transfiguração étnica*, revoluções tecnológicas, configurações socioculturais típicas de cada período e as propostas de teorias para a América Latina, entre outros, vão se concatenar num todo coeso. Coesão essa que dá destaque as contextualizações ecológicas e econômicas (que revelam seus débitos teóricos em relação a Julian Steward e Leslie White) que auxiliam na explicação das formações culturais rústicas de cada região brasileira e a sua unificação numa identidade étnico-nacional (ou macroetnia) que perpassasse cada uma delas.

Outros fatores abordados no livro e que merecem destaque por serem gerais ao ser brasileiro em seu processo de formação seria a mestiçagem física e espiritual, a genesis violenta e a extrema desigualdade social. Somando-se a estas características mais antigas, outras mais recentes como a imigração estrangeira para certas áreas, a urbanização desenfreada e desordenada, a industrialização mais ou menos generalizada e os novos meios de comunicação de massa, que contribuíram para a construção de um novo tipo de ser brasileiro menos diferenciado por contingências regionais, mas ainda assim bastante diversificado interiormente.

Apesar de concluir o livro, e os seus Estudos de Antropologia da Civilização, com expectativas positivas em relação as potencialidades de nossa formação latino-americana, Darcy Ribeiro, em muitas passagens vai nos lembrar dos imensos

problemas que teremos de enfrentar caso desejemos superar nossa condição de satélites e trilhar na senda do desenvolvimento autônomo (até onde ele for possível). Esses problemas vão desde as enormes desigualdades sociais, até ao racismo, passando pelas relações autoritárias que ainda predominam em nossa sociedade:

"A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, seviciar e machucar os pobres que lhes caem às mãos." (Ribeiro, 1995: 120)

Conclusões

Escrever sobre Darcy Ribeiro é, ao mesmo tempo, prazeroso e complicado, um autor versátil, denso e com uma verve literária impressionante, a todo momento nos faz achar que a melhor maneira de falar sobre os conceitos e exemplos que elabora é a transcrição direta, tal é o estilo marcante com que escreve e força dos argumentos que elabora.

A série de seus Estudos de Antropologia da Civilização reflete o pensamento de um intelectual preocupado com os destinos de seu país e ao mesmo tempo conhecedor dos meandros e labirintos do fazer das Ciências Sociais. Com a mesma maestria que realizou etnografias e descrições sobre povos indígenas e as culturas rústicas brasileiras escreveu romances e entrou em discussões teóricas universais, discutindo classes sociais, antropologia ecológica, ciência política, divisão social do trabalho, cultura erudita e popular. Sua grande preocupação foi compreender o Brasil e a América Latina em suas posições dentro da história das civilizações e partir dessa compreensão poder apontar os caminhos que possam levar a assunção de sociedades autônomas e solidárias nesta parte de *Nuestra América*.

É pena que na maioria das vezes o Brasil faça questão de desconhecer os próprios valores que surgem aqui e que possam apontar caminhos para a superação de nossa condição de dependência estrutural frente aos países centrais do capitalismo. Não é à toa que movimentos sociais da envergadura do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) e da Consulta Popular eilegem Darcy Ribeiro como um dos intelectuais brasileiros que precisam ser levados ao conhecimento das grandes massas, ao lado de outros da envergadura de Florestan Fernandes e Paulo Freire.

Bibliografia

- PEREIRA, Fábio I. *"Darcy Ribeiro: vida, obra, pensamento"*. Disponível em: <http://ensayo.rom.uqa.edu/filosofos/brasil/ribeiro/introd.htm>.
- RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. **Os Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.
- _____. **Diários índios: os Urubu-Kaapor**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. **O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Nota

1) Monografia de conclusão da disciplina "Sociologia Brasileira", ministrada pelo Prof. Mauro Guilherme Pinheiro Koury, no Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (Campus I - João Pessoa), no período letivo 2000.2.